

## A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ NO PRIMEIRO ANO DE VIDA COMO FATOR DETERMINANTE PARA UM DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL SATISFATÓRIO

THE IMPORTANCE OF MOTHER-BABY RELATIONSHIP IN THE FIRST YEAR OF LIFE AS A DETERMINING FACTOR FOR A THOROUGH EMOTIONAL DEVELOPMENT

Paula Beatriz Gallerani Cuter Rochel \*

### RESUMO

Este trabalho está embasado nas teorias de Donald Winnicott, Esther Bick e Marta Harris e seus colaboradores. Pretende-se enfatizar a importância da relação mãe-bebê no primeiro ano de vida como fator determinante para um desenvolvimento emocional satisfatório. Abordam-se questões julgadas fundamentais para a primeira infância, dentro do contexto do desenvolvimento emocional e dos processos de maturação do indivíduo, tais como a necessidade de um ambiente de facilitação, o atendimento das necessidades mínimas de todo bebê, a amamentação como primeiro diálogo, os primeiros sinais da personalidade e a natureza da comunicação não verbal da parilha mãe-bebê. A mãe que pode compreender as necessidades tanto fisiológicas como emocionais do seu bebê, permite o desenvolvimento de uma comunicação criativa. As distorções e as dificuldades dessa relação mãe-bebê podem originar muitas das doenças psicossomáticas e emocionais posteriores.

Descritores: relações mãe-filho, emoções, mães, comportamento materno.

### ABSTRACT

This paper is based on theories of Donald Winnicott, Esther Bick, Marta Harris and their collaborators and focuses on the importance of mother-baby relationship in the first year of life as a determinant factor for a thorough emotional development. The author discusses factors considered fundamental for the first childhood in the context of the emotional development and maturation of the individual process, such as the necessity of a facilitating environment, the fulfillment of the minimum requirements of every baby, the breastfeeding as the first dialogue, the first signs of the personality, and the nature of nonverbal communication in mother-baby couple. The mother who can understand the physiological and emotional necessities of her baby provides the development of a creative communication. Distortions and difficulties of mother-baby relationship may cause many of the later emotional and psychosomatic diseases.

Key-words: mother-child relations, emotions, mothers, maternal behavior.

### INTRODUÇÃO

“Para um bebê ser, existir emocionalmente, ele precisa de uma mãe que faça com que ele se sinta existindo.”

D. Winnicott

A partir de 1948, Esther Bick, psicanalista inglesa, desenvolveu o método de observação da relação mãe-bebê – hoje chamado Método Esther Bick – numa tentativa de acompanhar e estudar, através de uma experiência viva, contínua e participativa, o estabelecimento e a evolução da relação e do vínculo de um bebê com sua mãe.

Dentro de uma metodologia psicanalítica e seguindo os critérios desta autora, o observador tem como objetivo acompanhar a relação emocional que se desenvolve entre o bebê e sua mãe, bem como com o ambiente que os cerca, sem fazer qualquer intervenção que não seja a de observar. Acompanha uma frase dita, um determinado padrão de comportamento mostrado pela mãe ou pelo bebê, acontecimentos ocorridos durante o recorte de tempo, geralmente de uma hora, semanalmente, e por um período médio de um ano. Neste *setting* revelam-se sentimentos que permitem inferir fantasias de ambos (mãe e bebê) e do próprio observador, peças que compõem um mosaico, um todo, e que traduz a dinâmica da interação familiar.

O observador busca compreender os aspectos inconscientes da relação observada assim como os sentimentos despertados nele durante essas observações. O procedimento metodológico de Esther Bick acontece em três tempos: observação, anotação e supervisão.

O observador procura uma mãe grávida, nos últimos meses de gestação, e propõe o trabalho de observação. Este trabalho consiste em ir até a casa da família semanalmente e observar o bebê e sua mãe, preferencialmente nas horas da mamada ou do banho, durante uma hora. Após sair da observação, o observador anota tudo o que aconteceu nesse período, inclusive os sentimentos despertados nele. Esse trabalho é supervisionado por um psicanalista que tenha a formação em Observação de Bebês, que vai ajudar na compreensão de como está ocorrendo a comunicação mãe-bebê.

Nas palavras de Melanie Klein: “Procurei mostrar que, através da observação cuidadosa de bebês muito novos, podemos obter algum *insight* sobre sua vida emocional, assim como indicações de seu desenvolvimento emocional futuro. Tais observações, dentro dos limites mencionados acima, dão suporte em alguma medida a minhas descobertas sobre os estágios mais iniciais do desenvolvimento”.<sup>1</sup>

### DESENVOLVIMENTOS TEÓRICO-CLÍNICOS

A partir desse trabalho pioneiro, e com o uso desta “ferramenta” de observação, muitos outros psicanalistas puderam construir sofisticadas teorias a respeito do desenvolvimento emocional do bebê a partir de suas primeiras experiências com sua mãe.

Segundo Winnicott, psicanalista inglês, os cuidados maternos adequados são essenciais para a garantia da saúde mental do indivíduo. O nascimento da vida psíquica do bebê começa na relação que é estabelecida com a mãe. “Não existe um bebê”, mas um bebê em relação com a sua mãe.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 82 - 83, 2012

\* Psicóloga clínica com especialização pelo GEPPPI (Grupo de Estudos de Psiquiatria, Psicologia e Psicoterapia da Infância).

Recebido em 2/8/2011. Aceito para publicação em 12/3/2012.

Contato: paulabgcr@gmail.com

A mãe se constitui num “ambiente” de grande importância mesmo nos pequenos detalhes desta relação, tais como a forma como segura, olha, fala, amamenta e interage com o seu bebê. Winnicott utiliza o termo “preocupação materna primária” para descrever um estado necessário da mãe, desde quando nasce o seu bebê e esta mãe “se coloca no lugar do bebê” para poder entender as suas necessidades mais primitivas: é o início da primeira comunicação do ser humano. Winnicott assim descreve a preocupação materna primária: “Este estado é comparável a uma enfermidade que acomete mulheres saudáveis, e que na verdade deve advir a fim de auxiliar na saúde do bebê. Esse estado organizado [...] poderia ser comparado a um estado dissociado, a uma fuga, ou mesmo, a uma perturbação em um nível profundo, tal como ocorre em um episódio esquizoide, onde alguns aspectos da personalidade sobressaem-se temporariamente.

Gostaria de encontrar uma boa palavra para nomear esta condição e apresentá-la como algo a ser considerado em todas as referências às primeiras fases da vida do bebê. Não creio ser possível uma compreensão do funcionamento da mãe nos primórdios da vida do bebê sem o entendimento de que ela deve ser capaz de atingir esse estado de intensa sensibilidade, quase uma doença, e recuperar-se dele”.<sup>2</sup>

Esther Bick chama de “pele psíquica” esta primeira relação de continência, por parte da mãe, experiência em que esta vai compreendendo o que o seu bebê deseja, conseguindo aliviar a sua ansiedade e sofrimento. Isso quer dizer que existe um estado originário de não integração, onde o bebê, sozinho, não dá conta de organizar-se, necessitando de um objeto externo (a mãe, ou quem dele cuida) que “faça por ele”, “pense por ele”. A introjeção pelo bebê desta função continente da mãe enfeixa esse estado não integrado, organizando-o e dando origem a um espaço interior, que contém os objetos (representação interna das figuras parentais, ou seja, como a criança representou a relação com os pais dentro de sua mente, o que pode ou não corresponder à realidade) e os sentimentos. Melanie Klein, no dicionário do pensamento Kleiniano, assim define os objetos: “O que é representado na fantasia inconsciente é a relação entre o *self* e um objeto no qual o objeto é motivado por certos impulsos, bons ou maus, relacionados aos impulsos instintivos - oral, anal, genital, etc. - do sujeito”.<sup>3</sup>

Pegemos como exemplo um bebê que está com fome. O bebê sente certo desconforto, causado pela fome, como se estivesse sendo destruído por dentro. O bebê ainda não tem a possibilidade de distinguir o “dentro” e o “fora”, o “eu” e o “outro”. Neste momento, quando a mãe identifica a sua necessidade e alimenta este bebê, ela está não apenas aliviando a sua dor e a sua fome, mas está se comunicando com ele, “dizendo” que compreendeu o que ele, bebê, “quis dizer”. A esta experiência dá-se o nome de *introjeção do bom objeto interno*. Essa introjeção é que vai permitir que a criança tenha condições, no futuro, de lidar com suas próprias angústias e frustrações. Assim como nossos órgãos e vísceras se desmantelariam, se espalhariam, caso não houvesse a pele para segurá-los, de acordo com a concepção de Esther Bick, as partes da personalidade do bebê teriam o mesmo fim, caso não fossem mantidas unidas pela função continente deste objeto externo (a mãe).

As experiências corporais e sensoriais entre mãe e bebê, tais como o contato boca-seio, pele-pele, olhar-olhar, necessidades do bebê compreendidas e atendidas, promovem uma experiência, para o bebê, de estar envolvido por uma pele

e, portanto, reunido dentro de um espaço delimitado. Estas seriam as primeiras experiências de delimitação do *self*, e aí estariam os rudimentos da noção de lugar e de fronteira, que separa o dentro do fora, o eu do outro.

Espera-se que depois de repetidas experiências com o objeto continente, o bebê possa introjetar essa função continente, constituindo a sua “pele psíquica”. Esse espaço interno que é criado vai servir de base para o desenvolvimento psíquico do bebê. Todas essas experiências que o bebê vivencia em seu primeiro ano de vida são primordiais para o seu bom desenvolvimento emocional posterior. São essas primeiras relações que a criança experimenta com a mãe que vão permitir que ela possa passar pelos períodos de transição, possibilitando que ela possa se constituir com uma mente própria, com pensamentos próprios.

A formação de uma pele psíquica defeituosa produz uma fragilidade geral na integração e nas organizações posteriores, paralisando o desenvolvimento psíquico e propiciando um estado patológico, o que pode vir a desencadear as doenças psicossomáticas e os transtornos emocionais. Isto ocorre porque o indivíduo, não tendo introjetado a função continente, não será capaz de lidar com perdas, angústias, dores e frustrações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todas essas razões é que hoje se estuda com tanto afinco a relação mãe-bebê no primeiro ano de vida. E o papel da psicanálise seria a possibilidade de o psicanalista representar a escuta, o olhar, a compreensão, dando um novo sentido para a existência do indivíduo, capacitando-o a lidar com o seu sofrimento. É a possibilidade de ressignificar a sua história de vida e reconstituir os seus objetos internos danificados.

O bebê que não passou pela experiência de uma mãe suficientemente boa é impedido de desenvolver-se e de descobrir a capacidade de “ser”. Na concepção de Winnicott, “É a partir do sentimento de haver criado o mundo que se estabelece tudo aquilo que é verdadeiramente importante. A desilusão não é alcançada sem que primeiramente surja a ilusão, da mesma forma que o desmame não pode ocorrer sem que primeiro exista uma boa alimentação, ou o fazer antes mesmo do ser. O que funda o viver criativo é a percepção criativa que, por sua vez, se funda na experiência de fusão com a mãe. É precisamente esta experiência de retenção da mãe na mente que evolui até chegar às lembranças, tornando-se o lugar por excelência da experiência cultural. É aqui que se dá uma comunicação silenciosa com os objetos subjetivos pertencentes ao mundo interno do indivíduo. Este se constitui no elemento não comunicado inerente a todas as personalidades. O que é fundamental é fazer a vida adquirir um sentido e viver com qualidade”.<sup>2</sup>

## REFERÊNCIAS

1. Klein, M. Sobre a observação do comportamento de bebês, inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
2. Abram J. A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter; 2000.
3. Hinshelwood RD. A dictionary of Kleinian thought. London: Free Association Books; 1989.